

BILROS DO PENSAMENTO: EM BUSCA DE UMA LEITURA TRANSDICCIPLINAR

André Filipe PESSOA
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – Campus Caruaru
andre.pessoa@caruaru.ifpe.edu.br

Resumo: Neste artigo argumentaremos como a linguagem é elemento de constituição humana e como conteúdo literário engendra-se na quebra do real referencial e imaginado. Através dessa quebra, acessamos o social e o íntimo do sujeito. A poesia por sua vez, alimenta-se do ímpeto humano de criação pela linguagem para ressignificar a herança cultural. Então, em uma relação complexa entre *logos*, *ethos* e *cogito a mimesis*, não apenas dos atos sociais, mas ainda dos elementos culturais, a herança é feita e refeita efetuando mudanças no corpo e no espírito.

Palavras-chave: Mímesis; Physis e Antiphysis; Estudos Culturais; Poesia.

Nos Estudos Culturais, a teoria movimentada as diferentes linhas de pensamento para melhor lançar luz sobre a complexa relação do humano com o biótico, com a sua intimidade corporal e espiritual. Como as mãos de uma rendeira movimentam os bilros para dar forma ao caótico emaranhar das linhas em garboso rendilhado, a teoria, dentro dos Estudos Culturais, entrança os “bilros” do pensamento. Esses, por sua vez, encontram o seu trame quando a crítica ilumina possibilidades e não certezas de leitura: a obra literária é potência de significação, não cristal conceitual.

Todo o fazer humano é ritualizado. Não há nada que seja produzido pelo homem que não faça parte de sua relação com os elementos do mundo e de como eles se organizam. Para tudo se impõe uma ordem. Pois, a linguagem, elemento inerente ao humano combina as coisas a sua vontade sintática, sua ordenação. Nossa relação com o biótico: flores na relva, peixes no oceano, estrelas, as faces alheias etc. está intimamente relacionada com a linguagem. Pois, inevitavelmente,

[e]stamos na linguagem, movendo-nos nela, numa forma peculiar de conversação – num diálogo imaginado. Toda a reflexão, inclusive a que se faz sobre os fundamentos do conhecer humano, ocorre necessariamente na linguagem, que a nossa maneira peculiar de ser humanos e estar no fazer humano. (MATURANA; VARELA, 2001, p. 32).

O caminho teórico que trilhamos para entender a Literatura como um elemento representativo que dá voz ou silencia os atos sociais, baseia-se em leituras que evidenciam uma crítica da literatura que estabeleça diálogo da poética com o social. Isso porque a linguagem e o humano estão intimamente ligados, ambos relacionam-se simbioticamente¹: a linguagem significa o humano, ao mesmo momento que o humano significa a linguagem.

Quando nos referimos ao humano não estamos fixando nosso olhar para uma espécie animal. O humano é um acúmulo de significações construídas simbolicamente na estrutura histórico-narrativa. Esses “acúmulos” ressignificam, ou seja, ganham novos valores sociais,

¹ A simbiose é termo cunhado na Ecologia para descrever a associação biótica de dependência entre dois ou mais seres de espécies diferentes que vivem conjuntamente, partilhando vantagens recíprocas, tal qual, argumentamos, a linguagem e o humano compartilham, semiologicamente, função de recíproca de existência.

quando as relações humano-humano e humano-natural são alteradas. A literatura por sua vez, carregada de significação tanto ideológica quanto psicológica, projeta uma “posição” do social que pode ser alterada ou mantida dentro das dinâmicas de uso dos elementos de estruturação da linguagem. Neste (re)posicionamento, no contínuo da existência humana, o signo expõe-se ideologicamente como reflexo e como refração do humano. Em outras palavras, como uma imagem em condição de semi-exatidão e uma imagem distorcida. Bakhtin (2009) aponta:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. (BAKHTIN, 2009, p. 33).

Por este viés, a Literatura assume a concepção de representação do material físico e o referencial metafísico da existência complexa do humano. Ao relacionar-se translateralmente, dentro da culturação, o signo transforma-se ou mantém-se por vontade institucional. É neste ponto em que a elaboração do discurso, sua distribuição, e manutenção, assumem vontades ideológicas. Bauman (2011) argumenta que as demandas para o sustentáculo ideológico institucionalizado do discurso, no início da revolução moderna, baseou a sua agenda em dar formato homogêneo à massa social amorfa, i.e., habitada por diversos recortes culturais, que mesmo tendo superado a tradição doutrinária religiosa da Idade Média, não estava acostumada com o novo regime e rotina disciplinares prontos para “colocar a sociedade em ordem” (BAUMAN, 2011, tradução nossa). Esta agenda, sustenta Bauman (2011), está condicionada não apenas a todos os poderes do novo estado-nação, economia e política, mas ainda envolve um remodelamento corporal e espiritual do homem.

Não estamos querendo dizer, que a leitura estruturalista da literatura seja superficial ou que preterimos uma abordagem a outra por um desapego egocêntrico. Em verdade, defendemos que todas as abordagens de leitura e acesso, ao passarem pela “forma” literária, e que durante a passagem, negarem seu alicerce social, cultural, étnico ou ainda, econômico e político estarão, de antemão, “condicionadas” a esses elementos que permeiam a linguagem. Em outras palavras: *não há Literatura sem expressão humana e a expressão humana configura-se pelo refazer cultural através da relação intrínseca entre a linguagem e sua potência semiológica em relação ao mundo*. Deste modo, defendemos a leitura da Literatura através do olhar que se movimenta para perto e para longe da obra; que analisa os elementos linguísticos e sociais, pois, a linguagem interage intrinsecamente com as relações da humanidade com o meio biótico.

Argumentamos que o direcionamento que um trabalho de análise da Literatura assume deve reconhecer que a produção literária agrega complexos valores de interação entre o indivíduo e o social; e que o Mundo está em constante mudança, considerando a fluidez, cada vez mais latente, das relações humanas². Na lírica moderna, o desapego por *uma* forma fixa e as representações fragmentadas do tempo nos são percebidos como elementos da função

² Zigmunt Bauman (2000; 2004; 2011) traz a ideia de fluidez das relações humanas e como esta fluidez interfere no constructo cultural da coletividade na modernidade. Os comentários de Bauman desmistificam como alavancas morais e políticas foram quebradas (ou “diluídas”) reduzindo à irrelevância tudo aquilo que não pertence ou não contribui para a continuidade das ações econômicas. Assim, não apenas a maneira pela qual a construção de uma sabedoria basilar “simplificada” – pautada na perene continuidade econômica, em lugar da crença iluminista do sujeito consciente, engajado – dar lugar ao indivíduo “suspenso” e “flutuando” (no enxame) na fluidez das relações, cada vez menos capaz de criar vínculos de valores tradicionais, como a própria agenda das relações afetivas acaba por se dissolverem na dissolução moral e política do sujeito em detrimento ao indivíduo produtor/consumidor.

estética da fluidez do mundo moderno. A relação espaço-temporal está conectada com os valores de ordem cultural por dois aspectos comentados anteriormente: o corporal e o espiritual. O primeiro corresponde não só a escolha espacial da obra em seu *frame*, mas ainda, (1) a constante observação do autor às relações de manutenção e transformação dos corpos via *exodarwnismo*: a vontade individual de modificação de suas características biológicas naturais por meios artificiais; (2) a importância imagética do corpo como elemento simbólico, representativo não apenas de uma coletividade cultural, sobretudo em aspecto universal como elemento intimamente ligado a rituais sociais ao revelar, e.g., valores do “ter” e do desejo, o apego ou desapego a objetos, jogo de pertencimento do grupo dos “Nossos” ou dos “Outros” etc. e (3) o deslocamento ou suspensão da noção espacial: o indivíduo flutua nas redes de interação humana despejando na linguagem esta característica. O aspecto espiritual, por sua vez, relaciona-se não apenas com o elemento linguístico, sobretudo semiológico, da poética moderna, como também a formação, cristalização e/ou representação indireta do real. Isto se dá, intrinsecamente, (1) pelo acesso aos símbolos representativos de mitos, ideologias, arquétipos, alegorias etc. conhecidas pelo leitor e (2) pela quebra ou manutenção desses símbolos pela potencialidade linguística compartilhada entre autor, obra e leitor³.

Bhabha (2007) argumenta que junto aos valores, há um fluxo “principal” carregado de uma forma ocidentalizada de visão de mundo, aliados a influência hegemônica sobre as ordens de informação que faz do Ocidente “fórum cultural, em todos os três sentidos da palavra: como lugar de exibição e como lugar de discussão pública, como lugar de julgamento e como lugar de mercado” (BHABHA 2007, p. 45). O raciocínio de Bhabha (2007) nos guia para um repensar ideológico de como tratar o processo humano de representação dentro do esforço que nasce do hibridismo mundial pós-colonial. De formas de organização política e a importância de estabelecer uma teoria que seja engajada a estabelecer um diálogo entre as forças ideológicas antagônicas e polarizadas de posse de discurso, ele comenta que

A linguagem da crítica é eficiente não porque mantém eternamente separados os termos do senhor e do escravo, do mercantilista e do marxista, mas na medida em que ultrapassa as bases de oposição dadas e abre um espaço de tradução: um lugar de hibridismo, para se falar de forma figurada, onde a construção de um objeto político que é novo, *nem um e nem outro*, aliena de modo adequado nossas expectativas políticas, necessariamente mudando as próprias formas de nosso reconhecimento do momento da política. (BHABHA, 2007, p. 51).

Bhabha (2007) apresenta uma leitura de Literatura onde a periferia e o centro, os extremos das relações sociais, encontrem-se em diálogo de negociação entre instâncias antagônicas. Por isso, argumentamos a favor de uma leitura transdisciplinar e transcultural – em seu sentido mais completo – capaz de lidar com as várias vontades que envolvem a produção literária. Sem, evidentemente, negligenciar o elemento estético e estrutural que acompanha qualquer expressão artística.

Em nosso caso, descobrir na linguagem poética o diálogo entre o elemento social e a poesia foi como reencontrar o elo entre o indivíduo que procura por si mesmo e uma forma de expressão que permite o máximo de sua significação. Assim, acreditamos na linguagem poética como algo além do elemento social. Ou seja, ela pode ser percebida em outras formas de expressão como uma linguagem íntima e onírica, ao mesmo tempo em que se torna

³ As condições de interação entre o leitor e a obra foram elaboradas por Wolfgang Iser (Cf. ISER, Wolfgang. “A interação do texto com o leitor”. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 83-132.) considerando o processo de significação da obra que passa pela relação do leitor com o mundo e o *cogito*.

universal e concreta. Sua ligação com o íntimo do humano se reflete no espiritual: uma relação intrínseca com a natureza e a vida. A poesia, sobretudo, sob a luz da análise estruturalista ocidental do início do século XX foi condicionada ao exame fechado: um olhar de perto, pelo qual a medida do poético confunde-se com a medida do funcional. Admitimos que a definição rigorosa de poesia é algo fadado ao fracasso, mesmo assim acreditamos que esta forma literária carrega a força significativa do acúmulo do tradicional e a contemporaneidade em busca do novo. T. S. Eliot (1967 *apud* TEZZA, 2003) diz que a poesia é algo que

[...] pode operar revoluções na sensibilidade tais como são periodicamente necessárias; pode ajudar a quebrar os modos convencionais de percepção e avaliação que estão perpetuamente se formando, e fazer as pessoas verem o mundo renovado, ou alguma parte nova dele [...]. (ELIOT, 1967 *apud* TEZZA, 2003, p. 58).

O poder de operar sensibilidade da poesia dá-se por seu contato direto com a intimidade e a coletividade. A capacidade imagética da linguagem poética nos toca intimamente (espiritualmente) ao mesmo tempo em que temos um recorte sobre a poesia que se confunde com o mundo real (corporal) e com o sistema de representação simbólica que muda perpetuamente, em constante movimento de ressignificação. Através da mediação, o leitor compartilha com a obra a função representativa da linguagem – se esta apresentar referências dentro de seus limites culturais – o estado duplo da *mimesis*: seu aspecto social e artístico. Em outras palavras “[p]oesia é o meio mais amplo, mais maravilhoso, mais compreensivo e efetivo de transmitir conhecimento e sentimento porque ela toca o coração e penetra a alma; então ela vai até a mente atingindo-a com uma varinha, ainda que ela [a mente] seja feita de pedra” (HOLWAY, 2000, p. 48, tradução nossa). O poético redireciona o mundo referencial. Somado à experiência do leitor, este movimento atua indiretamente na realidade através do espírito.

Luiz Costa Lima (2003) aponta que “(a) embora confluyente, a *mimesis* não é apenas o nome antigo para as representações sociais; (b) a articulação entre a base material e as representações, quer a mimética quer as outras, não se processa sem mediações” (LIMA, 2003, p. 95). O comentário de Luiz Costa Lima (2003) nos será muito valioso mais adiante, pois, a relação entre o real e a função representativa da linguagem, não se dá por uma negação do real, mas, pela suspensão e/ou mutação no relicário de símbolos do leitor por intermédio da obra. Em outras palavras, a função representativa da linguagem poética, em sua potencialidade representativa, reconfigura a relação do leitor com o mundo real indiretamente.

Não estamos sindicalizando um uso da poesia como utensílio de renovação. Não queremos dar-lhe uma utilidade panfletária, sociológica, muito menos política e/ou econômica, ligada a um conhecimento acima dos outros. Por outro lado, queremos que as relações poéticas das produções literárias exacerbem a suprema forma de locução humana para transmitir a experiência do humano. Nye (2002) comenta que

[...] poesia nos adia, acalenta pequenos detalhes. Um grande desastre apaga esses detalhes. Precisamos de poesia por alimento e para notar, pelo jeito que linguagem e imaginário chegam confortavelmente na experiência, abarcando e conectando-a com mais sucesso do que qualquer canal de notícias que nós conhecemos. (NYE, 2002, p. 16, tradução nossa).

O adiamento a qual Nye (2002) se refere, diz respeito a como a linguagem poética é capaz de revelar os descuidos da realidade. Pois, como em um exercício necessário ao espírito humano a poesia tangencia o que seriam observações ordinárias sobre a repetição de atos em

linearidade histórica. Ou seja, o elemento poético vasculha o itinerário da *mimesis* que não se limita apenas ao processo artístico/linguístico, mas a todo ato humano, como explica Costa Lima (2012) em seu comentário sobre a *mimesis-zero*. Desta forma, entendemos a linguagem poética, sua forma potencializadora de sentido, como uma vontade humana de sublimação de um real tangível para um real intangível. Esclarecemos aqui que nosso entendimento por realidade não diz respeito apenas ao mundo físico, preso as amarras do concreto. Mas, sobretudo, a realidade cognoscente abarcada pela relação do estado natural humano com o estado sensível da linguagem. A segunda difere da primeira por sua matéria volátil, mas não menos importante para nossa convivência com o natural.

O perigo do recorte acadêmico, em se tratando de poesia, sobretudo sobre o olhar culturalista, pode fazer o crítico negligenciar características universais da obra de determinado autor em detrimento a uma análise emergencial em busca de um foco social reducionista. Para esclarecer o dito recorreremos a Adorno (2003). Ele aponta:

Essa universalidade do teor lírico, contudo é essencialmente social. Só entende aquilo que o poema diz quem escuta em sua solidão a voz da humanidade; mais ainda, a própria solidão da palavra lírica é pré-traçada pela sociedade individualista e, em última análise, atomística, assim como inversamente, sua capacidade de criar vínculos universais [...] vive da densidade de sua individualização. (ADORNO, 2003, p. 67).

As palavras de Adorno (2003) funcionam como síntese do que nos referimos anteriormente. A busca do poeta por uma linguagem universal está intimamente ligada com a dinâmica de movimento de entrada e saída de um microcosmo para um macrocosmo. Mesmo ao discordamos de Adorno (2003) quando argumenta que a ideologia “se manifesta no malogro das obras de arte, no que estas têm de falso em si mesmas, que deve ser apontado pela crítica” (ADORNO, 2003, p. 63). Ele talvez se refira a ideologia dominante, não está claro em seu texto. Nosso contra-argumento reside na ideia de que pensar a obra de arte como isenta de ideologia (dominante ou não) seria um retrocesso epistemológico da construção do sujeito. Sendo este cooptado ou não por uma ideologia dominante. O que nos parece prudente seria a concepção da obra de arte, sobretudo lírica, como uma produção de teor resignificativo, capaz de revelar o complexo formato da configuração humana e o seu processo de manutenção e transgressão do legado cultural pela linguagem. Para melhor entender este processo, recorreremos ao conceito elaborado por Luiz Costa Lima (2003) sobre a *physis* e a *antiphysis*.

A nossa relação com o mundo da *physis*, para uma nomenclatura mais precisa, é estabelecida por nossas limitações de representação. Isto é, o mundo nos é apresentado pelo filtro do mito, pois, a condição humana de ser *da* e *na* linguagem não suporta a configuração caótica do mundo biótico, e pelo “distúrbio linguístico”⁴ que é ontológico a ele, tenta ordená-lo. Nesta empresa, a configuração do mundo segue o *cogito* iluminista da transformação da matéria em material que possa ser compreendido pelo *logos*. Entre os dois elementos,

⁴ A expressão, utilizada por nós entre aspas, foi cunhada por Richard Dawkins (Cf. DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução**: na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.) para se referir ao surgimento da linguagem no processo evolutivo da espécie humana. Apesar de Dawkins (2009) utilizar a expressão para exemplificar como o gene FOXP2 pode ser utilizado como marcador genético da linguagem, as aspas escolhidas aqui neste trabalho funcionam para demarcar um significado específico: *a linguagem é tanto uma característica quanto um desvio natural, em relação às outras espécies de grandes primatas, para uma organização mental que nos difere deles*. O pensamento gramatical, desta forma, não só nos é valioso como forma de comunicação, mas, sobretudo, como característica biótica da nossa relação com a natureza, pois, para toda descrição do natural criamos mitos, não apenas os espirituais, mas ainda, os metafísicos e metalinguísticos. Partindo do questionamento: “Não seria a própria ciência uma mitologia do *logos* guiada pela episteme silogística da linguagem?”.

situamos o *ethos*, como processo sociocultural de construção e reconstrução dos signos. Neste ponto, a linguagem assume sua função pragmática onde o real é apresentado com a mais estreita relação de objetividade. Se por um lado o mundo “concreto” (*physis*) nos acorrenta ao possível, é no real imaginado (*antiphysis*) que os novos e tradicionais elementos culturais dialogam para (re)criar conexões conceituais capazes de (re)significar modelos do imaginário (mitos, arquétipos, alegorias, rituais etc.) tão fortemente presentes em nossa vida cotidiana quanto o pedras no chão ou o sangue que nos preenche as veias. Por um lado, a relação pragmática da linguagem quando dialoga com os modelos do imaginário o fazem como forma de cristalização e manutenção do seu simbolismo. A *physis*, deste modo, assume uma função linguística institucionalizada ou ideologicamente operante; o leitor por sua vez refuta totalmente, pondera parcialmente ou concorda com os preceitos expostos em forma de linguagem. Por outro lado, quando estes mesmo modelos são acessados pela função estética representativa da linguagem (*antiphysis*) os elementos do real (*physis*) são suspensos total ou parcialmente. Em outras palavras, na poética o real não estabelece total referencialidade com a linguagem, pois, para a total experiência estética do leitor, a obra deve dialogar com os conflitos representativos. Ou seja, não só em termos linguísticos, ainda, em laços cognitivos a *physis* será suspensa, melhor dizendo, organizada em linguagem capaz de ser abarcada pelo *pathos* estabelecendo outra possibilidade de interação com o real. Essa nova possibilidade de interação não está alienada das relações com o mundo da *physis*. Desta forma, recebe *status* de real imaginário (*antiphysis*): uma realidade remodelada pelo mito que acessa o real através dos elementos formadores do raciocínio linguístico intuitivo (o reconhecimento através do silogismo aristotélico⁵), que em contato com as dinâmicas culturais, sociais e políticas estabelece novos paradigmas de interação.

Em outras palavras, a proximidade cultural do mundo referencial, a *physis*, proporciona o suporte cognitivo para que o sema *diferença*, na obra, se faça perceptível. O ponto cego da relação dos *sema* citados, aponta mais uma vez Costa Lima (2003), faz-se perceber quando o agente mimético estabelece uma suspensão da significação referente, desarticulando a naturalização, que proporcionaria uma aceitação aberta do sema *semelhança*. Afastando no mundo construído mimeticamente a proximidade cognitiva relativa ao reconhecimento do *background* referencial e sua ligação com a *physis*. Acrescentamos a este comentário, a explicação elucidativa de Konrad Fiedler (*apud* LIMA, 2012) sobre a relação da humanidade com o seu relicário cultural somado ao repertório linguístico matematicamente esgotado. Ele diz que

Aquilo que em cada homem deveria de novo se produzir é o conteúdo de uma tradição que se herda de geração em geração como um patrimônio morto. [...] O homem entra no mundo como uma individualidade nova e autônoma [...] e, de repente, dá-se conta que todo o seu domínio consta de palavras que já foram possuídas por milhões e que ainda serão por outros milhões; que todo o seu domínio consta de valores que ele não produziu, que passam de mão em mão, como moedas que ele recebe daqueles que construíram e que passam àqueles que construirão. [...] O homem rebela-se contra essa coação, esforça-se, procura emancipar-se, no entanto, permanece submetido, pois toda tentativa de alcançar clareza e expressão fora dos caminhos trilhados está sujeita ao fracasso. Não se pode evitar a coação provocada pelas formas linguísticas herdadas, mas tão só superá-las. (FIEDLER *apud* LIMA, 2012).

A citação longa, mas necessária, de Fiedler (*apud* LIMA, 2012) elucida os argumentos

⁵ Cf. ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

principais deste capítulo (1) a linguagem é cárcere e ponto emancipatório dentro das relações humanas; (2) a Literatura configura-se como espaço de possibilidades (res)significadoras; (3) a linguagem da poesia pode ser entendida como uma forma de superação da coação realizada pela ideologia dominante. Porque, (re)lembrar é relacionar-se com a ancestralidade. Na Literatura é, também, reestruturar uma grande narrativa: a da relação do domínio/poder pela representação “encapada” do signo. Ecleia Bosi (1987) aponta:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1987, p. 54).

A conexão entre a memória individual e sua relação social, em se tratando de sujeitos em interstício cultural, é a força motriz para a reestruturação dos signos. Visto que, os referenciais de nação, comunidade, identidade, outridade e gênero – para citar alguns – se estabelecem na decantação dos fragmentos da narrativa humana. Em outras palavras, há os significados flutuantes e os que se encontram, por sua densidade significativa, mais ao fundo, mais “fixos”. Desta forma, tornando-se menos maleáveis à movimentação do fluido. Argumentamos que os recortes poéticos selecionados para a elaboração deste trabalho assumem a experiência do sujeito transcultural. Assim, temos a linguagem poética como uma das poucas expressões humanas capazes de dialogar com raça, religião, gênero e nacionalidade além do elemento sensível para fazer surgir outro ser ou outra realidade.

Para que isso aconteça, a teoria deve abraçar o espiritual pela linguagem poética. A teoria deve aceitar que

A cultura reúne em si um duplo capital: por um lado, um capital técnico e cognitivo – de saberes e de conhecimentos – que pode ser transmitidos, em princípio, a toda e qualquer sociedade e, por outro lado, um capital específico que constitui as características de sua identidade original e alimenta uma comunidade singular por referência a *seus* antepassados, *seus* mortos, *suas* tradições. (MORIN, 1973. p. 183, grifo do autor).

Morin (1973), acima, argumenta como a cultura transita através do que cognitivamente apreendido dentro do relicário das significações. Por isso, quando aceitamos a Literatura como algo configurado entre o “dentro” e “fora” da linguagem; como algo que assume a complexidade humana: iniciamos o movimento dos “bilros” e formamos o nosso rendilhado. As duas características apontadas por Morin (1973) podem ser relacionadas com o conceito de uma noção hegemônica de achatamento das manifestações culturais individuais *versus* a possibilidade de convivência de manifestações heterogêneas de representação da diversidade humana.

Concluimos este trabalho argumentando que a possibilidade de exacerbar a experiência do “escritor” e do “leitor”, que aqui se confundem entre si, pois ambos dividem a experiência humana em suas diversas e complexas formas de encontro, conecta-se a uma abordagem complexa da literatura. Por isso, a leitura crítica deve movimentar-se para perto e para longe da obra e da sociedade a fim de achar o melhor ângulo para a análise. A linha tênue que separa corpos e espírito apresenta a sua permeabilidade e a noção primeira de fronteira, como algo que separa e limita, movimenta-se para o “a partir de”: o ponto de intersecção dentro e fora do sujeito. A noção espiritual do acesso poético ao *ethos* faz do entrelugar da fronteira interna um local de imensidão na contemplação das coisas do mundo e do universo interior do homem

Referências

ADORNO, Theodore W.. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **Culture in a Liquid Modern World**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2011. E-Book.

_____. **Liquid Modernity**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2000. E-Book.

_____. **O Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. E-Book.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BOSI, Ecléia. Memória-sonho e memória-trabalho. In: _____. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

HOLWAY, Jamil. Strip Every Nation. In: ELMUSA, Sharif; ORFALEA, Gregory (Org.). **Grape Leaves: a century of Arab-American poetry**. New York: Interlink Books, 2000.

LIMA, Luiz Costa. **A ficção e o poema**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. E-Book.

_____. **Mímesis e modernidade**: formas e sombras. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco, J.. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

NYE, Naomi Shihab. **19 Varieties of Gazelle**: poems of the Middle East. New York: Green Willow Books, 2002.

TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.